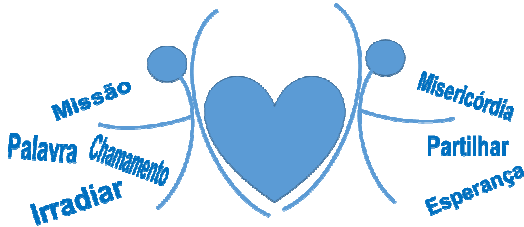


### AMAR – SEMEAR : A ALEGRIA DO ENCONTRO



FEDERAÇÕES  
**CPM**

8<sup>as</sup> Jornadas Nacionais Extraordinárias  
50<sup>as</sup> Jornadas Internacionais

29-30-31 Outubro 2016  
Cité Saint-Pierre em Lourdes

### « Os novos aventureiros do casal »

..... por Agnès Auschitzka

*Escolher-se, escolher viver em casal, que aventura, que desafios hoje em dia a ter em conta pelos casais e por aqueles que escolheram acompanhá-los uma parte do caminho.*

### « OS NOVOS AVENTUREIROS DA VIDA EM CASAL »

Que tenho eu para vos ensinar que ainda não seja do vosso conhecimento, vós que estais pela vossa missão em ligação privilegiada – por vezes desde há vários anos – com numerosos casais, múltiplos e variados que acolheis no âmbito do seu projecto de matrimónio ? Estes casais que escutais com benevolência para melhor conhecer o que vivem concretamente no dia a dia. A vossa experiência é sem dúvida maior do que a minha, mesmo se exerço a profissão de jornalista e prossigo os meus estudos e pesquisas principalmente na esfera familiar.

Sim, que tenho eu a ensinar-vos ? Esta questão, confesso-vos, obcecou-me durante vários dias até que chegou o tempo de escrever esta exposição para a entregar para tradução no fim de Julho ! A minha cabeça e o teclado do meu computador ficavam desesperadamente bloqueados ! Uma espécie de pânico da página em branco, do ecrã preto (!) que outros para além de mim conhecem sem dúvida.

E depois, a inspiração voltou quando renunciei resolutamente a expor-vos a lista dos dados numéricos e das estatísticas sobre as maneiras de ser casal, sobre os modos de vida dos casais, sobre as separações, os recasamentos, sobre o número de famílias monoparentais, reconstruídas, homoparentais, que se constata em cada país que representais. Este tipo de enumeração é, sei bem, sempre fastidiosa de escutar !

Contudo, agradeço de passagem àqueles e àquelas que me enviaram as fontes onde encontrar tais dados para o seu país, o que me permitiu completar ou cruzar as minhas próprias fontes de informação. Porque foi precisamente a partir da paisagem da vida dos casais de hoje que organizei a minha palestra.

Para além das constatações, esta conferência que intitulo : « **Os novos aventureiros do casal** » situa-se no campo antropológico do acolhimento voluntário e da compreensão das realidades do mundo no qual homens e mulheres se amam hoje, escolhem viver juntos, em casal. Onde se manifestam novas necessidades de acompanhamento, onde os cristãos que

querem acompanhá-los devem regar e semear novas vias para que caminhem juntos em direcção à Alegria prometida.

Em jeito de introdução queria voltar ao título que dei à minha palestra e que inspira toda esta conferência.

## **Os novos aventureiros do casal.**

Porquê este qualificativo de **novos** aventureiros ? É verdade que viver em casal, aliar-se a alguém diferente de si ao longo do tempo, para viver juntos a banalidade do quotidiano entre os dias melhores e piores, representou sempre e em todo o lado uma aventura. Mas até aos anos 60-70, pelo menos na maior parte dos países europeus e ocidentais, a aventura (e os seus riscos) estava enquadrada por algumas leis e princípios bastante simples que se aplicavam de geração em geração e era sustentada por tradições culturais, familiares, religiosas, sociais, jurídicas, ancoradas nas mentalidades e nos modos de vida. De alguma forma, os que se lançavam na aventura da vida a dois conheciam o caminho. De certo, apesar de predefinidas e balizadas, estas aventuras vividas por crentes ou não crentes, reservavam algumas surpresas e conheciam alguns afastamentos ou desvios por atalhos, até mesmo algumas quedas ... mas mais frequentemente estas sombras na paisagem viviam – muitas vezes mal – em segredo, por vezes na culpabilidade, de tal modo o modelo dominante da vida de casal se impunha com força, até não ser mais do que uma concha vazia para os que viviam a aventura.

Ora, desde estes anos charneira que anunciam a civilização vemos nascer, se o coração humano não mudou e é habitado em todos os pontos do planeta, do mesmo desejo de amar e de ser amado, devemos reconhecer que já não há modelo conjugal nem familiar dominante nem na sociedade, nem mesmo no seio das Igrejas mas uma pluralidade de modelos de que não se sabe sempre a que referência religiosa ou filosófica os associar. Estes « novos casais » na história da vida conjugal e familiar já rica de numerosos modelos são pois, verdadeiramente, novos aventureiros que pessoalmente gosto de ver como pioneiros.

Pioneiros não significa que sejam melhores nem piores que os seus antepassados. Nem que possam inventar o seu caminho sem acompanhamento. Nestes tempos de mudança, e em todos os domínios da vida, manifesta-se, pelo contrário, grande desejo de acompanhamento (ver o sucesso dos *coach* nos domínios profissional, desportivo, espiritual, parental, etc.). Para os cristãos que, como vós, receberam a missão de acompanhamento dos noivos, trata-se de se abrir ao Espírito de Deus que, precisamente, « renova a face da terra » e o coração dos homens e das mulheres.

Sob o ângulo socio-antropológico, irei descrever num primeiro momento o que muda hoje quando as pessoas decidem formar um casal (pela primeira vez ou pela enésima vez) e num segundo momento, farei a mesma coisa a propósito da vida quotidiana dos casais.

### **I. Escolher-se, escolher viver em casal hoje**

O que é que muda para estes novos aventureiros e para os que, como vós, têm o gosto e receberam a missão de os acompanhar ?

Uma nota prévia : Com excepção de alguns casos raros (que na vossa missão de evangelização não devem ser negligenciados, caso apareçam), a escolha daquele ou daquela com o qual (com a qual), uma pessoa decide viver em casal já não é directamente determinada pela vontade de reproduzir tal qual o modelo parental ou de se conformar ao modelo associado a crenças particulares. Já em 2005 perante vós, eu tinha falado do fim deste modelo único e desde então, esta realidade não cessa de ser confirmada por todos os sociólogos especialistas



da família, tal como Martine Segalen, para a França<sup>1</sup> mas igualmente pelas autoridades religiosas dos diferentes países.

Certamente, se a propensão para se casar no mesmo meio social se atenua ainda lentamente, não é tanto pela preocupação de manter a tradição familiar (e ainda menos para as classes com grande património pela preocupação de manter a riqueza no seu círculo familiar) mas porque espontaneamente « gostamos de viver com uma pessoa que partilhe um modo de vida similar, com os mesmos hábitos de lazer, com centros de interesse comuns, uma mesma linguagem, etc. Tantos elementos que dependem em grande parte da origem social »<sup>2</sup>

As escolhas que presidem à formação dos casais continuam a ser as de indivíduos que se deixam guiar pela bússola do sentimento amoroso. Um sentimento todo poderoso, hoje dominante, despreza as convenções (de resto que peso e em que sector estas exercem ainda hoje o seu poder determinante ?) das diferenças culturais, religiosas, geográficas, e mesmo para uma minoria, desvaloriza a diferença de idades ou a identidade sexual. A educação moral com as suas normas, recebida por cada um dos parceiros, parece também ela inoperante e reprimida no inconsciente, onde coexistem todos os possíveis, onde, não esqueçamos, ela age porém no silêncio à revelia das pessoas.

Como se o sentimento amoroso experimentado no « instante T » fosse em si mesmo suficiente para se lançar na aventura da vida a dois que desde logo se apresenta à consciência dos que se amam como um presente virgem, sem passado nem futuro, decide-se viver juntos, lançar-se na aventura da vida a dois, porque se ama, ponto final.

A todos os profetas da desgraça – são ainda demasiado numerosos dentro ou fora da Igreja – que comentam esta constatação com toda a espécie de julgamentos e de queixas com cheiro a maldições, apetece-me sempre perguntar com um sorriso : « Não acreditam que seja um bom começo sentir atracção um pelo outro e experimentar um sentimento amoroso quando se decide viver juntos ? Converter um sentimento amoroso em desejo de se amar e de amar o outro à maneira de Jesus não deveria ser impossível, pois não ? Converter uma aliança fundada em interesses, apenas no respeito pelas convenções, na submissão ao desejo dos pais, parece-me claramente mais difícil ! »

Conforme a idade, a história individual e o temperamento das pessoas, a paixão amorosa intervém de modo diferente no momento em que se decide a formação do casal. Observam-se contudo duas grandes categorias.

Há aqueles que passam pela primeira vez duma vida de celibatário para uma vida de casal, a que chamarei os primo-aventureiros, podendo um dos dois parceiros ter já vivido uma ou várias vidas em casal. Para o primo-aventureiro, esta passagem a casal celebra uma relação feliz e agradável que satisfaz um certo número de necessidades imediatas : necessidade de segurança, de partilha de ideias, de emoções e de prazeres, resposta ao medo da solidão, facilidades materiais, desejo de filhos, etc.... O presente e as suas necessidades partilhadas ocupam todo o espaço. Para muitos destes primo-aventureiros da vida a dois, o futuro da relação e da sua fecundidade inscreve-se raramente num projecto a longo prazo maduramente reflectido a dois. O sinal de partida limita-se principalmente à habitação num mesmo local, em particular quando se trata de dois primo-aventureiros.

Habitados ao clic do computador (à mão de semear permanentemente via telemóvel) que, à vontade e de imediato, ilude, apaga, restitui, deforma, aumenta, retrai, engana, afasta, aproxima, acrescenta, multiplica, divide, copia, trunca, desfoca e passa todas as fronteiras, estes novos aventureiros não estão preparados para encarar a dureza da realidade da vida de casal. E mais frequentemente, são as primeiras dificuldades da vida quotidiana (económicas, aborrecimentos mútuos, desacordo de ritmos ou desejo de filho num deles esbarrando no não

<sup>1</sup> Ler o número de aniversário dos 25 anos da revista Sciences humaines

[http://www.scienceshumaines.com/famille-la-fin-du-modele-unique\\_fr\\_35648.html](http://www.scienceshumaines.com/famille-la-fin-du-modele-unique_fr_35648.html)

<sup>2</sup> Observatório das desigualdades [http://www.inegalites.fr/spip.php?page=article&id\\_article=1977](http://www.inegalites.fr/spip.php?page=article&id_article=1977)

desejo do outro ou ainda o aparecimento súbito duma prova) que vão convidar um e/ou o outro parceiro a colocar-se a questão do sentido desta vida de casal, do seu futuro e da sua evolução.

Mas pode ser também a felicidade e o desabrochar desta relação, a alegria que nasce do encontro no quotidiano amplificado por vezes por um ou vários nascimentos de filho(s), a experiência da força de um combate travado juntos (contra a doença, a dureza dum desemprego, dum luto..) que vão levar o casal a olhar o que se passa em cada um deles e a interrogar-se sobre o sentido que cada um quer dar à sua relação amorosa.

Neste estado do encontro com a realidade, quer aconteça no modo infeliz ou feliz, estes primo-aventureiros ganhariam em beneficiar duma primeira série de sessões de acompanhamento que visaria dar lugar à reflexão, à consciencialização e ao discernimento. A necessidade de acompanhamento manifesta-se num ou noutro através de sentimentos e de palavras tais como : « Já não sei em que ponto estou » mas não chega sempre à sua consciência como uma possibilidade e ainda menos como uma necessidade. Não nos esqueçamos que onde domina o regime do individualismo, a tendência para pensar e ter de decidir a sua vida por si impõe-se à pessoa, sob pena de deixar-se atolar pela dúvida, a hesitação, os arrependimentos, a culpabilidade ou a deixar-se levar pelos ventos contrários.

Ora, este acompanhamento, se for feito com respeito e inteligência, dando tempo ao tempo e distância às emoções e aos sentimentos, pode levar estes primo-aventureiros a descobrir o valor e o sentido do casamento civil, ou mesmo cristão, e a entrar no mistério do amor que os une para além da simples dimensão afectiva.

Ao lado destes primo-aventureiros há aqueles que já não estão na sua primeira aventura de vida em casal, quer tenha(m) sido ou não formalizada(s), oficializada(s), quer tenham ou não nascido filhos destas uniões precedentes.

Os que já combateram em terreno conjugal, no seu conjunto mais idosos, são movidos como os primo-aventureiros pelo mesmo desejo imutável de ser amados « para sempre ». Mas mais uma vez, a onipotência do sentimento amoroso agirá de modo diferente em função da história (e principalmente das histórias amorosas precedentes), da idade e do temperamento de cada um.

Para uns, a força do sentimento amoroso presente ocultará o que todavia experimentaram, a saber que a aventura da vida a dois, porque humana, é apenas uma aventura sentimental. É o famoso : « Desta vez, é diferente, posso acreditar nisso... ». E isto, mesmo se a nova realidade de casal a viver apresenta à partida um certo número de desafios, principalmente quando se trata de « recompor » uma família ou de assumir uma escolha fora das normas (idade, condições excepcionais de vida profissional, grande afastamento no campo da cultura, das crenças, da visão do homem e do mundo, etc.). Resumindo, mesmo se a mochila for mais pesada, o desejo de partir para uma nova aliança que se deseja duradoura impõe-se com poder e determinação.

Para outros, um melhor conhecimento de si adquirido à custa das experiências anteriores da vida a dois, com o seu lote de alegrias e de infelicidades, de êxitos e de fracassos, torna-os mais prudentes, mesmo inquietos antes de se fazerem à estrada. Mas também aí, não nos enganemos, quando chegar o momento em que as obrigações do bem-estar e do desabrochar pessoal se impuserem a todos, a resposta a dar a estas inquietações e hesitações far-se-á mais vezes exclusivamente a partir do que as pessoas sentem. Mais uma vez, será negligenciado o trabalho necessário e complementar da reflexão, da análise e do discernimento. O fracasso das experiências precedentes exacerbou a questão do como me vou **sentir** amado antes de ser uma ocasião para aprofundar o sentido dum amor que seria mais do que o sentimento de se ser bem ou mal amado.

Nota-se que ao contrário dos casais formados por primo-aventureiros, o viverem na mesma casa não está sistematicamente ligado à decisão de se comprometer numa vida de casal durável. Por outras palavras, alguns destes casais « experimentados » podem comprometer-se de forma duradoura sem por isso viver a estabilidade duma habitação comum. Quando esta

instalação num mesmo lugar se faz, será segundo modalidades adaptadas às circunstâncias e que têm em conta diversos factores : presença ou não de filhos, constrangimentos materiais, desejos de cada parceiro, laços com e papéis dos membros das ex ou novas famílias (tais como os avós, irmãos, irmãs, cunhados...)

Em todos os casos, há uma real necessidade de acompanhamento humano e espiritual para que o compromisso numa nova vida de casal possa, para além do sentimento amoroso, ser esclarecido, aprofundado, escolhido mais livremente e assim se desdobrar em toda a sua dimensão de alteridade e de responsabilidade, face a tantas realidades novas a assumir que se adicionam às que permanecem eventualmente de uma ou das uniões precedentes.

Mas neste estádio, como e em que momento ir ao encontro destes casais aventureiros de última hora ? Segundo que modalidades e para que propósito de acompanhamento humano e espiritual ? Certamente, alguns destes casais, por razões diversas e variadas, viram-se para a Igreja com um projecto de matrimónio. A questão de ir ao seu encontro está então resolvida. (A questão das propostas renovadas e adaptadas à sua situação, está talvez menos resolvida !). Mas todos esses outros aventureiros que estão na periferia e que se preparam para viver uma nova aventura, em união livre, contraindo um PACS(\*) ou casando-se civilmente, como ir ao seu encontro e acompanhá-los no momento desta nova partida ?

Parecem-me tantas as questões em aberto que se colocam hoje às equipas CPM !

## II. Amar-se hoje

A vida conjugal e familiar de longo curso nunca foi um rio comprido e tranquilo... E as perturbações que, sob os nossos olhos, abrem uma nova civilização, só tornam o rio mais tumultuoso. Nem poderia ser de outro modo sabendo que a relação conjugal, como toda a relação com outro, se incarna nas realidades do mundo. O que toca e perturba o mundo, na sua apreensão e na sua compreensão, no seu funcionamento e nos seus componentes, dá novos rostos ao amor conjugal. Amar-se no tempo da internet e das redes sociais não é amar-se no tempo da era epistolar. Amar-se no mundo onde o tempo está achatado e se mede ao segundo do clic do *smartphone*, onde a circulação instantânea das imagens não conhece fronteiras, onde as possibilidades tecnológicas se multiplicam a toda a velocidade, e isto nos domínios mais essenciais da pessoa e da existência humana, onde a economia fundada sobre o engodo do dinheiro coexiste com a da colaboração e da participação, onde as alianças individuais entre pessoas de cultura e de crenças diferentes se vivem ao mesmo tempo que ideologias colectivas extremistas e fundamentalistas dividem as pessoas e os povos... A lista das perturbações que, a um ritmo desenfreado se impõem às nossas existências quotidianas é longa. O risco para cada um de perder o norte é permanente, tornando a navegação das nossas vidas difícil e arriscada : Que orientação tomar, onde encontrar a força para aguentar, como resistir ao medo, ao esgotamento ou ao desânimo ? Como perder tempo a admirar ainda a paisagem e localizar as passagens salvadoras entre os obstáculos ? Face a novos parâmetros, estamos muitas vezes no nevoeiro e temos dificuldade em discernir o que é bom para nós e para os outros.

O que é verdadeiro para cada um de nós, é-o na mesma medida, senão mais ainda para os novos aventureiros da vida a dois que devem levar o seu barco conjugal e familiar sem modelo. Também, pessoalmente, não subscrevo certos julgamentos negativos sobre os casais de hoje, sobre a forma como levam o seu barco sacudido pelas correntes deste início do século XXI.

---

(\*) PACS - *Pacte Civil de Solidarité* - convenção entre duas pessoas físicas adultas, de sexo diferente ou do mesmo sexo que desejam organizar a sua vida em comum. (N. da T.)

Estes julgamentos serão, estou convencida, muito rapidamente e/ou exclusivamente colocados no registo da moral : « Já não têm o sentido do compromisso, separam-se por tudo e por nada em lugar de..., tomam liberdades ou fazem escolhas muitas vezes egoístas... em suma, os casais de hoje não conhecem as exigências do amor ». Alguns cristãos não hesitam em acrescentar aí uma camada em nome das suas certezas e do seu orgulhoso e ilusório conhecimento do que Deus « exigiria » daqueles de quem falam.

Pela minha parte, como observadora mas também como cristã, tiro pelo contrário o chapéu a estes novos aventureiros que num tal contexto, se lançam e avançam, sem nenhum modelo ou com múltiplos modelos diante dos olhos, na bela aventura da vida a dois. Em particular, saúdo maravilhada a sua capacidade de criatividade e de partir de novo. Nela, reconheço o sopro do Espírito que não se cansa de encorajar, de sustentar, de vivificar os que se amam e buscam a Felicidade prometida.

Dito isto, vou tentar mostrar como a agitação do nosso mundo em mutação abana sempre, põe à prova por vezes duramente, os que se amam e que escolheram caminhar juntos.

### **Demasiadas coisas para fazer, para pensar...**

O stresse ligado à vida profissional ou à procura de emprego, à falta de meios, aos tempos de transporte, à sobrecarga de « coisas para fazer » ou à das solicitações de toda a espécie é uma queixa permanente (são disso testemunhas os terapêutas e os conselheiros conjugais). Um stresse, mantido em permanência por « tudo ligado o tempo todo » que alimenta e sobrecarrega permanentemente as pessoas com emoções, preocupações, centros de interesses, de desejos de compreender, de conhecer, de simples desejos, etc. Tendo por conseguinte como prémio garantido: deixar de beneficiar de « tempo longo » para entrar em si, para se conhecer, interiorizar, reflectir ; não mais dispor de « tempo longo » para saborear, provar ou « trabalhar » a sua relação com o outro(a) escolhido(a), e para os crentes para colocar a sua humanidade sob o olhar do divino, do Deus amante e misericordioso, para deixar que o Espírito nos molde, nos repare, nos oriente, nos guie ...

O tempo que toma o artista inspirado para trabalhar a obra que traz dentro de si e permitir-lhe oferecê-la aos outros falta cruelmente à era do relógio digital.

### **... e os tempos demasiado longos**

Mas ao lado deste tempo apercebido como « faltando » porque vivido em modo imediato e simultâneo, há hoje outros tempos vividos como demasiado longos porque escapam a todo o controlo : o da procura dum emprego, o que traz as solidões do isolamento, o da espera do aluguer de alojamento, da obtenção de papéis (cartão de trabalhador, cartão de cidadão...). Tempos vazios de humanidade que se perdem nas engrenagens duma sociedade tecnocrata cujo tecido social se desfia. Tempos vazios de alegria que desvitalizam a relação de casal.

### **A fidelidade ao risco dos encontros**

No plano da afectividade, por causa da evolução dos costumes e dos modos de vida, as ocasiões para « se apaixonar », para sentir atracção sexual por outros que não sejam o homem ou a mulher da sua escolha são múltiplas, por vezes por uma pessoa do mesmo sexo que o seu. A aparente facilidade trazida pelas tecnologias da comunicação para dar curso secretamente e sem barreiras a esta pulsão é uma segunda prova banal e cada vez mais frequente para os que escolheram viver juntos sem estarem preparados.

## **A sexualidade, a procriação na era do tudo possível**

A evolução do lugar da sexualidade na nossa sociedade, o seu modo de exposição, a sua regulação (ou não regulação), a sua implicação na procriação, opera mudanças profundas que não deixam de influenciar a relação do casal.

Pareceria nomeadamente (mesmo se isto permanece raro) que as decisões de se separar para dar livre curso a uma relação amorosa homossexual aumentassem sensivelmente.

Mas é no domínio da procriação que o sentido e o lugar da sexualidade operam as perturbações mais importantes, tocando evidentemente em primeiro lugar os que decidiram, porque se amam, viver juntos e construir uma família. Depois da contraceção que permitiu a sexualidade sem procriação, doravante a procriação é possível sem sexualidade e por conseguinte, as diferentes formas de assistência médica à procriação abrem possibilidades até aí inimagináveis. E mesmo que as situações extremas só se apliquem a poucos casais, o inconsciente de todos os casais de hoje é habitado por estas realidades novas que roçam o que há de mais arcaico no ser humano e nas suas representações. Falar dum salto antropológico justifica-se, parece-me, a propósito do uso da palavra casamento para os casais de pessoas do mesmo sexo.

A evolução do trabalho feminino nas classes médias / superiores (sempre houve operários que faziam uma jornada dupla ou tripla) tem por consequência na maior parte dos vossos países, o adiar da idade da primeira maternidade e por este facto, o aumento dos nascimentos por fecundação *in vitro*. Estes nascimentos são sempre uma prova bastante difícil a superar pelos casais, sobretudo quando as tentativas se saldaram por um fracasso.

Enfim, notamos todas as questões éticas, jurídicas, antropológicas e filosóficas que são colocadas por certos modos de procriação. Questões vertiginosas para as quais, nem sempre temos respostas satisfatórias. Questões que são as que se colocam intimamente aos novos aventureiros da vida a dois. Que formação do pensamento crítico e filosófico receberam estes novos aventureiros, que aprendizagem do discernimento fizeram para enfrentar tais desafios ?

## **A criança no centro**

A forte diminuição do número de casamentos mudou o lugar da criança. Antigamente esta chegava normalmente, como uma evidência, logo que se celebrava o casamento. Hoje em dia o seu nascimento é programado e na maior parte dos casos é ele que funda a família (em França 60% das crianças nascem fora do casamento). « Construída na sua vida íntima e privada, a socialização do casal torna-se pública com o nascimento da criança » (Martine Segalen). O nascimento da criança é, pois, frequentemente aos olhos dos avós ou « do mundo » o sinal dum projecto de casal do seu filho ou da sua filha. Para outros avós que não aprovavam a escolha do seu filho, o anúncio de um bebé marca o fim da sua esperança dum ruptura. Pessoas até aí estranhas umas às outras, encontram-se pela primeira vez em redor dum berço, o do seu neto ! Reconhecem-se avós sem se terem conhecido como pais e sogros. Ficam desestabilizados por esta realidade que lhes fez falhar um degrau no reconhecimento do laço intergeracional e da sua transmissão. Dificilmente se podem medir os efeitos que esta mudança provoca na qualidade futura dos laços intrafamiliares.

## **A medecina, progressos por vezes pesados a assumir**

O domínio médico é um dos domínios que mais beneficiam com as novas tecnologias e com as suas aplicações, tanto na pesquisa como no tratamento. A esperança dum cura, a possibilidade dum prolongamento da vida, a reparação ou a compensação estão lá onde a infelicidade, ou mesmo a morte se impunha antigamente na sua radicalidade. Com estes



progressos, os casais (como cada um) são levados a viver situações cujo peso em decisão a tomar, em emoção, em « desumanidade » pode ser demasiado. Especialmente porque o humano não está sempre à altura (em qualidade e em meios) do que a máquina e os tratamentos fazem suportar às pessoas.

A isto acrescenta-se por vezes um contexto económico difícil : tal hospital tem uma reputação formidável, mas sem carro, sem dinheiro, sem meio de alojamento no local ou de deixar os filhos entregues, etc. ?

Entre todas as situações que implicam a medicina e o tratamento (doenças, deficiência..), chamo a vossa atenção para os nascimentos de grandes prematuros e as desordens psíquicas (*Borderline*, estado depressivo, esquizofrenia atingindo um cônjuge, um filho ou um parente próximo) como sendo duas situações muito desgastantes para o equilíbrio do casal e da família.

A primeira – a grande prematuridade – é sobretudo bem apoiada (pelo menos em França) no plano psicológico e relacional. A segunda que toca num tabu – a loucura – é pelo contrário fonte de grande solidão, de isolamento, de incompreensão para as famílias. O sector psiquiátrico está desamparado pela pesquisa e pelos serviços de saúde. Começamos, infelizmente por ocasião destes acontecimentos trágicos como os atentados ou outros morticínios, a perceber até que ponto esta população está abandonada e quanto as famílias atingidas estão carentes e profundamente destruídas por este tipo de patologia, fazendo das pessoas atingidas presa fácil para toda a espécie de abusos e de manipulações.

### **A mobilidade : entre o trabalho e o casal**

A maior parte das vezes, por razões profissionais, os casais são levados a mudar de casa cada vez com mais frequência... esta mobilidade sempre existiu mas acontecia num lote de categorias bem definidas tais como os militares. As famílias integravam-se em cada lugar diferente integrando-se na grande família militar onde se viviam solidariedades.

A mobilidade profissional de hoje não tem nada a ver com aquela. Pode fazer-se acompanhar por precariedade, por solidão, por isolamento, por não integração no tecido social. No casal, pode favorecer o desenvolvimento de um em detrimento do outro, quando não penaliza os dois. Enfraquece muitas vezes a permanência do laço intergeracional e laços com os membros alargados das famílias.

Os efeitos das novas tecnologias da comunicação começam a fazer-se sentir positivamente através das redes sociais, da video-telefonía, da gestão das agendas, etc. Estas aplicações evitam cada vez mais deslocações dispendiosas em tempo e em dinheiro e/ou reduzem os efeitos das ausências.

Mas elas não resolvem tudo, longe disso. Resumindo, tudo isto é uma verdadeira perturbação e exige incessantemente procurar, inventar medidas para preservar o equilíbrio e a energia duns e doutros.

### **As novas configurações familiares**

Não as irei descrever todas, de tal modo são múltiplas e variadas tendo por fundo o aumento da esperança de vida para cada um.

Mas relativamente às famílias ditas recompostas insistirei mais uma vez na carga mental que a geometria variável destas famílias faz pesar sobre aqueles que estão aos comandos. Carga mental tanto afectiva e emocional como material, tanto educacional e moral como relacional. A banalização destas situações joga preferencialmente quer para o melhor que para o pior, mesmo que cada família recomposta seja um puzzle particular.



A chegada duma geração de avós ela própria atingida pelas separações tem evidentemente o seu impacto sobre as novas paisagens familiares e sobre o olhar que as novas gerações lançam sobre os mais velhos.

É preciso coragem, força, resistência, para conduzir o barco nestas zonas mais turbulentas que outras e que acarretam tanto sofrimento ! Muitos conseguem e têm a minha admiração. Outros naufragam, é verdade, e apelam à fraternidade.

Duas situações dão hoje testemunho da verdade e da força do amor : a dos casais que perseveraram na fidelidade ao seu primeiro compromisso e a dos casais que, depois dos fracassos, constroem um novo amor duradouro. Aos olhos da fé, trata-se dum mesmo amor que bebe na fonte do amor de Deus que se dá gratuitamente a todos os homens e a todas as mulheres de boa vontade, quer dizer, sem que estes o tenham merecido. O testemunho destas duas situações de amor conjugal é útil e ajuda todos os que « se amam e que semeiam. »

Entre os casais cristãos fiéis ao seu primeiro compromisso distinguem-se duas grandes categorias : a mais importante em número é formada por homens e mulheres « do seu tempo » que no meio das turbulências puderam, souberam inventar novas modalidades para se amarem. A segunda, muito minoritária, mas que existe, é formada por casais que recusam a novidade, as novidades, os sobressaltos do mundo e deste modo reproduzem em círculo fechado, à margem do mundo que julgam « mau » o modelo único da família de ontem. Estes casais « fora do tempo » e « fora do mundo » necessitam eles também dum acompanhamento que os ajude a converterem-se ao amor evangélico, aquele que Jesus manifestou no seu tempo pelo mundo e por todos os que o habitam. Quanto mais não seja, para que os seus filhos, quando por sua vez escolherem viver em casal, o façam tendo por único modelo o de Jesus que tanto amou o mundo.

Quem é que na Igreja de hoje tem a missão do acompanhamento destes casais ? Talvez faça parte da vossa missão em coordenação com outros animadores da pastoral familiar ?

**Para concluir** a minha exposição, vou-vos relatar uma conversa que testemunhei entre um jovem de 32 anos e a sua avó, em perfeitas condições física e mental apesar dos seus 96 anos:

Clément (32 anos) foi educado com dois irmãos e uma irmã por pais cristãos e « praticantes » que testemunharam a sua fé através dos seus compromissos, quer na sociedade quer na Igreja. Hoje Clément diz « não ter fé ». Prepara-se para exercer a profissão de advogado, mostra-se aberto e respeitador da opinião, das convicções, das escolhas de vida dos seus próximos e das pessoas que frequenta. Tem belas qualidades humanas de justiça, de gentileza, de bem-querença, de prestatividade.

Há dois anos, Clément conheceu Delphine, estudante de medicina. Um e outro depressa « se apaixonaram » e decidiram viver juntos, num mesmo estúdio alugado, cada um assegurando a sua quota-parte das despesas.

Por ocasião duma festa familiar, Clément encontra a sua avó e dá-lhe a conhecer o seu projecto de partir por um ano com Delphine para uma missão humanitária, ele como consultor jurídico e ela com cuidadora. Esta avó é profundamente cristã e também, como o seu filho, o pai de Clément, testemunhou « no seu tempo » a sua fé de muitas maneiras : vida de oração e de sacramentos, compromissos múltiplos, etc.

- Avó : O vosso projecto é muito bom, mas porque é que não se casam antes de partir ?
- Clément : Sabes, avozinha, o casamento, não vejo o interesse, Delphine, também não...
- Avó : Contudo, o sacramento é importante para aguentar os momentos difíceis e além disso dá sentido ao que se faz.

- Clément : Para nós, o que conta é partir para fazer esta experiência no Burkina Faso. E além disso, toda a despesa de um casamento, não é para nós.
- Avó : Mas vocês podem casar-se simplesmente. Eu casei-me logo a seguir à guerra, pedi mesmo emprestado o vestido de noiva a uma prima... a graça do sacramento foi muito importante ao longo de toda a minha vida.
- Clément : Vamos, avozinha, não te preocupes connosco, somos tão felizes!

Parece-me que deste curto diálogo, podemos tirar alguns ensinamentos para a missão que é a vossa. Assim, convido cada um e cada uma a prestar-se ao exercício à luz da sua experiência e do que acabo de vos dizer.

Pessoalmente, partilho convosco uma convicção :

Antes de propor àqueles que se amam que inscrevam o seu amor num projecto sacramental formal, não será essencial reconhecer com eles a presença de Deus nesse amor e a fecundidade desta presença? E, parece-me, devolver a Deus o seu lugar, Ele que nos amou primeiro, Ele que está na origem dos nossos amores humanos. No caso que relatei, não se manifestou a presença de Deus na vida amorosa de Clément e de Delphine e no seu projecto de partir ?